



AFRICA CENTER
FOR STRATEGIC STUDIES

Sessão 5: Tendências de Violência e Conflito em África

Mr. John Clifton
Dr. Paul Williams

Tendências de Violência e Conflito em África

Prof. Paul D. Williams
Universidade George
Washington
10 de Maio de 2017

PAUL D. WILLIAMS

WAR & CONFLICT IN AFRICA

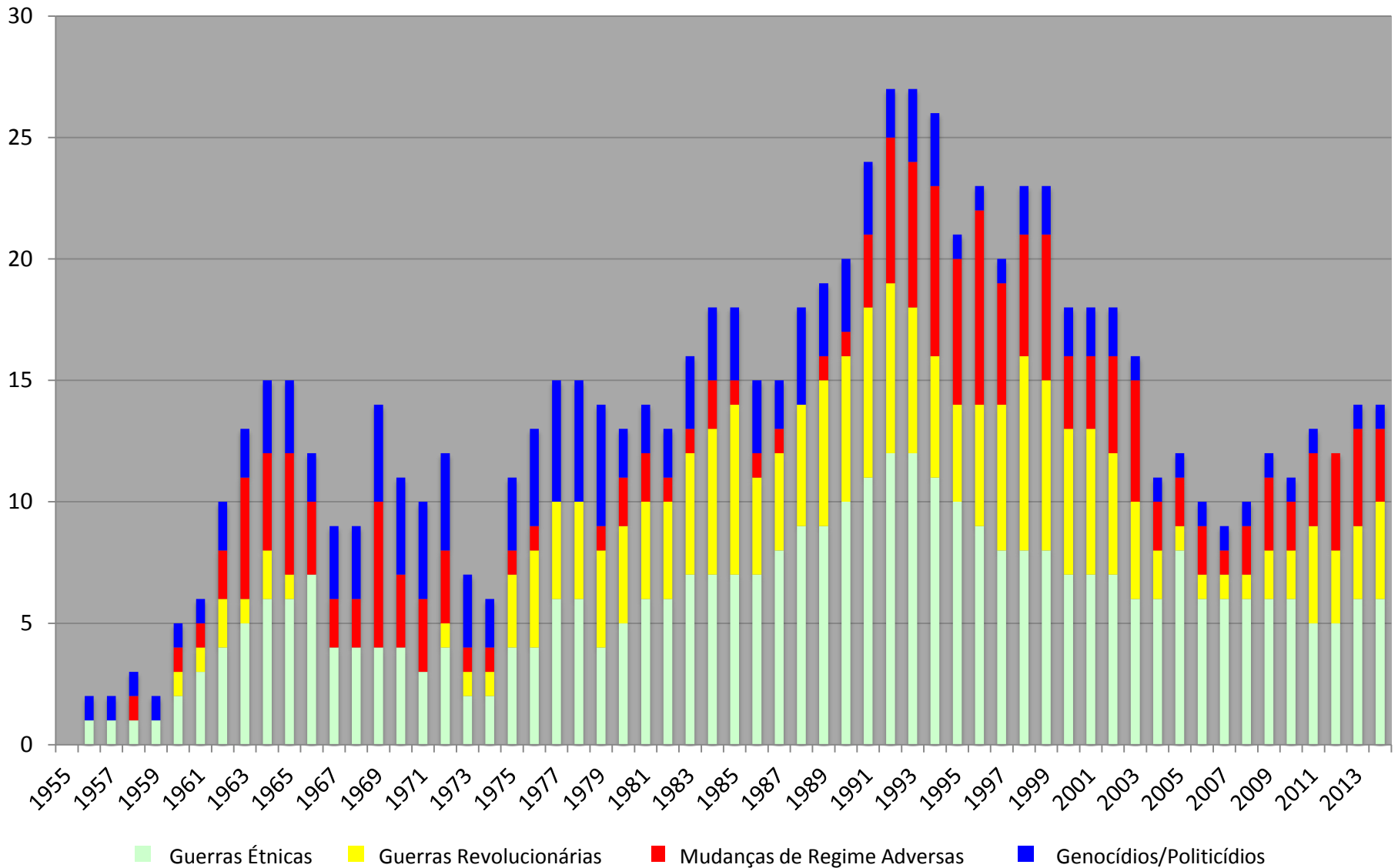
(GUERRA E CONFLITO EM
ÁFRICA)



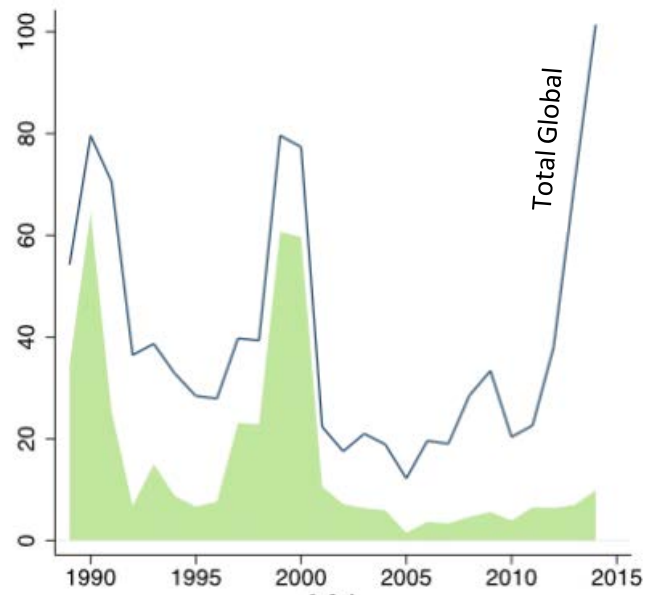
SEGUNDA EDIÇÃO TOTALMENTE REVISTA E ACTUALIZADA

Eventos de Falha Estatal em África, 1955-2014

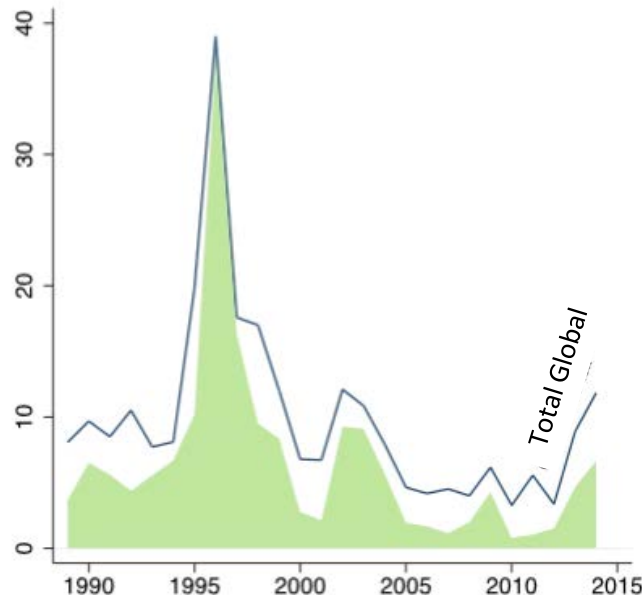
Fonte: PITF <http://www.systemicpeace.org/inscr/PITF%20Consolidated%20Case%20List%202014.pdf>



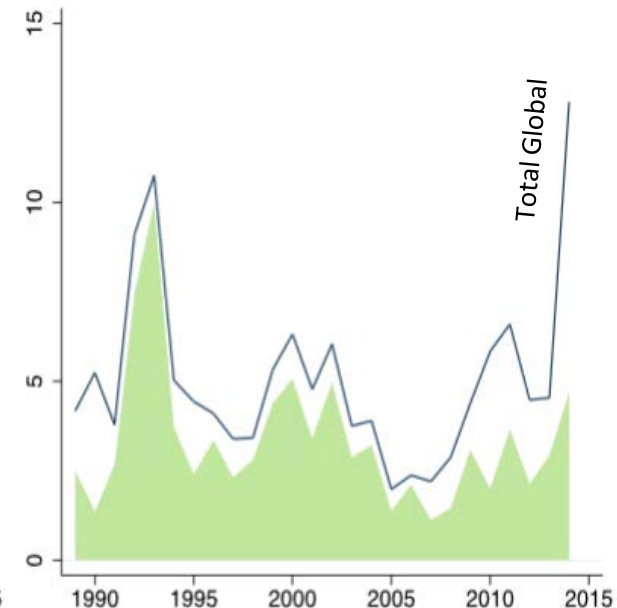
Mortes Violentas em África em comparação com o Total Global, 1989-2014



África



África



África

Mortes
Relacionadas com
Combate
Baseadas no
Estado

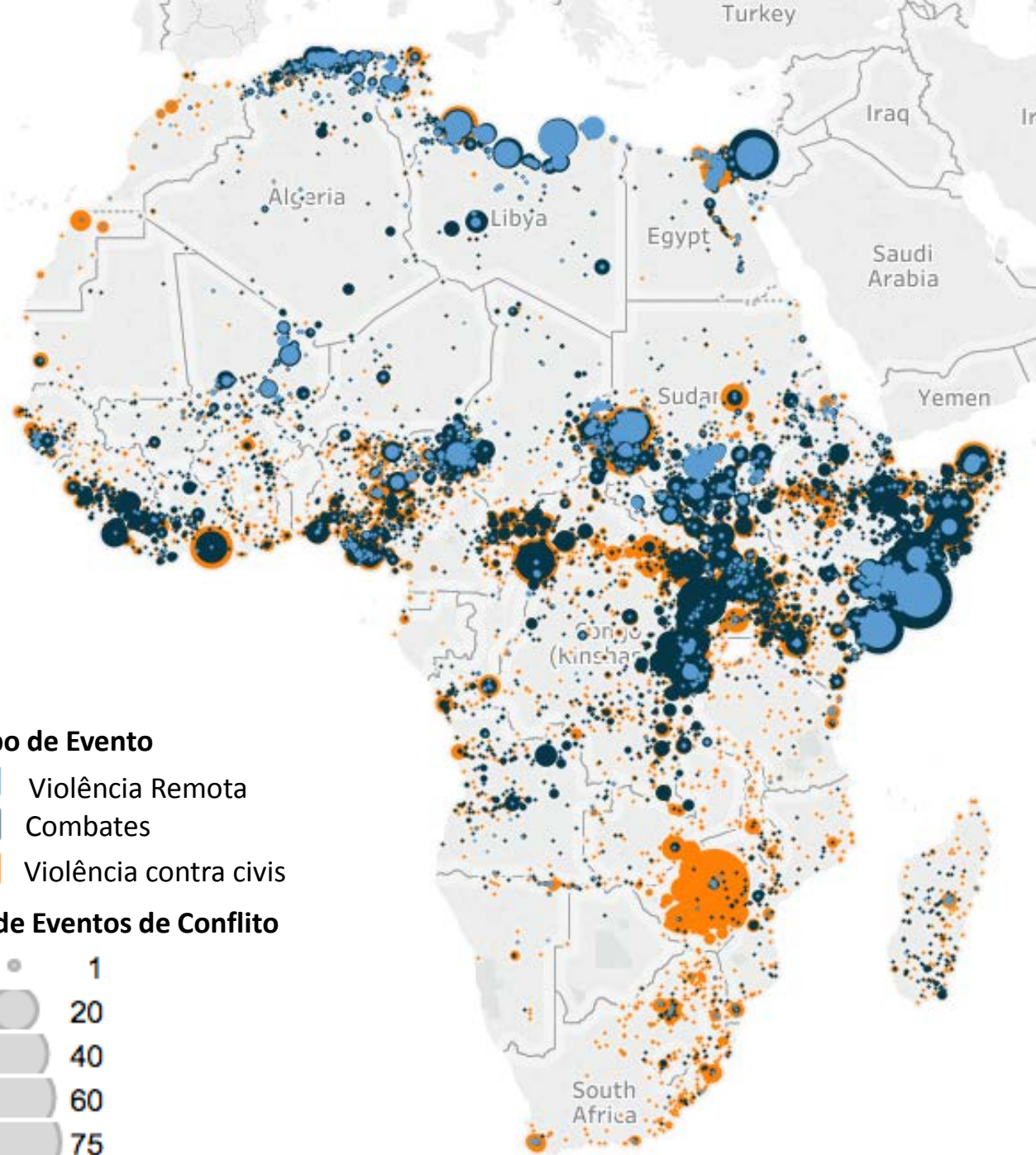
Mortes Violentas
Unilaterais

*Excluindo o genocídio de Ruanda

Mortes
Não-Estatais



UCDP
Uppsala Conflict Data Program



Base de Dados de Local e Evento de Conflitos Armados (ACLED)

Conflito Político em África, 2000-2016

<http://www.acledata.com/visuals/maps/dynamic-maps/>

Contexto

1. Os nossos dados colectivos e conhecimento sobre os conflitos armados em África não são perfeitos.
2. Existem dois “mundos” distintos do conflito armado em África: aquele enraizado no sistema de Estado Africano e aquele que ocorre nas margens ou fora da sociedade de Estados.
3. Prevalência de partidos de conflito incoerentes: falta de uma cadeia hierárquica única e unificada e conseqüentemente estes operam como entidades relativamente descentralizadas + falta ou falha em articular agendas políticas transparentes e coerentes.
4. Regressão de várias formas de indicadores de governança em várias partes do continente.
5. Aumentar a disponibilidade das NU e as organizações regionais de África em estabelecer formar militarizadas e mais robustas de operações de paz.



Chefes de Estado Africanos com +18 anos no poder no início de 2017.

Continuidade

1. A maior parte dos conflitos armados recentes baseados no estado de África são “guerras civis repetidas”. B.F. Walter: “guerras antigas reiniciadas pelos mesmos rebeldes após um período de paz.”
2. Importância de transições de governo contestadas resultantes de problemas de défices democráticos e geralmente de dinâmicas da regra minoritária.
3. Continua a ser enganador ver a maior parte dos conflitos armados baseados no estado de África como “internos”. Todos estes são influenciados, em maior ou menor grau, por dinâmicas e processos a nível local, nacional, regional e global.
4. Os conflitos armados não-estatais continuam a ser uma característica predominante do cenário contemporâneo, especialmente na República Democrática do Congo, Etiópia, Quênia, Nigéria, Somália e no Sudão.

Mudança

1. Tendo diminuído consideravelmente entre o início dos anos 90 e 2010, o número de conflitos armados baseados no estado de África tem vindo a aumentar recentemente (um aumento nos ataques deliberados aos civis por parte de múltiplos beligerantes, incluindo governos).
2. Grande aumento em protestos populares em toda a África desde 2010. Estes não são novos, mas aumentaram desde os meados dos anos 2000 e especialmente após a Insurreição Árabe (2011).
3. Aumento do número e intensidade de conflitos influenciados pela mudança de ambiente. O que S. Straus designou por dificuldades de “sustento”, a maioria das quais está ligada a questões de acesso à água e à terra.
4. Importância crescente de factores religiosos na dinâmica de conflitos armados baseados no estado, especialmente grupos que defendem uma versão distorcida da teologia Islâmica para justificar a sua militância.
5. Aumento do uso de “violência remota” em alguns dos conflitos armados de África, especialmente DEIs e bombistas suicidas em Líbia, Mali, Nigéria e Somália.

E então? (1) Pacificação

- A abordagem ortodoxa desde 1990 é a partilha de poder: GNUs (governos de unidade nacional) transicionais até haver acordo sobre uma ordem constitucional.
- No entanto, o modelo foi questionado devido:
 1. À relutância na partilha de poder;
 2. A grupos extremistas.
- Duro teste à preferência declarada de África por formas inclusivas de pacificação.
- É mais provável agora que as organizações Africanas recusem negociar com estes grupos e que autorizem sanções e/ou missões de imposição para os derrotar.
- A governança é a chave para parar as guerras. As estruturas de governança desmilitarizadas são a chave.

E então? (2) Operações de Paz

- Mandatos difíceis incluindo combate, COIN (contrainsurgência), estabilização e até contra terrorismo.
- Requer capacidades especializadas; mais custos monetários; levanta grandes questões doutrinárias; e provavelmente é mais mortal.
- Desafios:
 - Nenhuma paz a manter estende a imparcialidade.
 - A falta edifícios de estado viáveis de pacificação e mandatos de protecção civil não oferece uma estratégia de saída rápida.
 - Requerem melhorias na forma de lidar com dinâmicas a nível local. Provavelmente a polícia!
 - Incapacidade de lidar com as dimensões transnacionais de guerra, por exemplo o crime organizado.



**AFRICA CENTER
FOR STRATEGIC STUDIES**

AfricaCenter.org